



O DESIGN DA PEQUENA SÉRIE

O designer inglês Peter Marigold visitou o Brasil para participar de seminário durante a mostra Casa, Arte e Design (CAD), onde falou do novo design, mais próximo à arte, e mostrou as muitas faces do seu trabalho. Imprevisíveis, suas concepções recriam móveis tradicionais, que podem ser utilizados das mais diferentes maneiras

Julia Garcez



No alto da página, o jovem designer Peter Marigold. À esquerda, prateleiras Split Box montadas com nichos formados por molduras em madeira, com ângulos intercambiáveis, de diversos tamanhos e formatos; acima, detalhe de construção dos nichos. Na página ao lado, biombo Yield Screen, móvel em escamas de eucalipto com moldura em carvalho





Acima, *Ellipse*, e o modo simples de aumentar a superfície da mesa: tampo em tábuas de madeira que pode ser aberto com movimento pantográfico e “preenchido” com novas tábuas; no alto, à direita, estante *Make/Shift* com módulos que podem ser agrupados de diversas formas; ao lado, *Octave*, estante que usa o mesmo conceito da *Split Box*

Em um cenário muitas vezes marcado pela monotonia, pela previsibilidade e pela repetição de fórmulas, o inglês Peter Marigold é um jovem representante de uma nova forma de pensar o design. Com 34 anos e recém-formado em design de produto pelo Royal College of Art, ele, antes graduado em escultura e cenógrafo teatral por anos, combate os padrões regulares impostos pela produção em massa e busca, como faz questão de frisar, “os objetos dentro dos objetos”.

Esqueçam os tradicionais cantos em 90 graus. Fascinado por geometria, Marigold subverte a tradição e propõe um sistema de amplas possibilidades, em que os ângulos resultantes de uma peça cortada em quatro, quando invertidos, formam outro corpo de 360 graus: é o objeto dentro do objeto. Suas criações assumem diferentes funções ou tipologias, como estantes, prateleiras, mesas, bancos ou armários, montadas de diversas formas e em sintonia com os hábitos mutantes de nossa época. “Sou obcecado por mudança e movimento, não me satisfaço com o que é estático”, afirma. “A produção industrial impõe uma regularidade que não é natural e não condiz com um universo de formas tão diferentes.” Marigold adora trabalhar com madeira – “material bizarro, que brota da terra e oferece possibilidades quase infinitas”, e se vale das potencialidades desta e de outras matérias-primas “fáceis de manipular”, como metal e borracha. Já teve suas criações expostas no Design Miami e no Salão do Móvel de Milão, mas lamenta que o mercado, em geral, seja tão reticente a mudanças e a novas proposições. “É

difícil convencer os grandes produtores a realizarem projetos inovadores”, diz. “Mas pretendo produzir objetos interessantes e não me fecho às boas propostas dos fabricantes.” Não por acaso, ele consegue equilibrar o trabalho com galerias – como a Libby Sellers, em Londres – e com grandes produtores de móveis, como a Movisi. Com o coletivo Okay Studio, ele exercita a criatividade em produções individuais e a capacidade de dividir espaço – e projetos – com oito colegas. Assim como Marigold, muitos designers estão se “descolando” da indústria que produz em larga escala para se dedicar às pequenas tiragens, que permitem exercer a capacidade de experimentação, e de inovar com maior liberdade. ✱

